

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Em direção ao sul: os caminhos e a arte colonial no extremo sul da América Portuguesa

Marcia Bonnet*

Resumo: O território colonial que se estendia entre Laguna e a Colônia de Sacramento, incluindo a região missioneira, talvez exatamente por configurar uma zona de fronteira, apresenta em suas manifestações artísticas uma série de aspectos específicos, que refletem o processo singular que teve a colonização do extremo sul da América Portuguesa. Uma parte considerável deste patrimônio artístico já está irremediavelmente perdida. Os exemplares que sobrevivem, entretanto, demonstram que o caminho percorrido pelos homens parece ter determinado em muito o trânsito de modelos formais entre vilas e capitânicas. Entre a capitania de São Vicente e a Colônia de Sacramento, as formas foram se adaptando e se transformando, conferindo assim características únicas à arte produzida ao longo dos caminhos que conduziam à expansão territorial em direção ao extremo sul.

Palavras-chave: arte colonial - caminhos antigos - Continente de São Pedro

Abstract: The stretch of land between Laguna and Colônia de Sacramento, including the region occupied by the Jesuit Missions - probably due to its character as a border zone territory – presents in its artistic manifestations a series of specific traits, which reflect the singular process of colonization that took place in the southernmost limits of Portuguese America. A considerable part of that artistic heritage has been irreparably lost. Nevertheless, the few surviving examples show that the paths followed by men seem to have determined the transit of formal patterns between villages and capitânicas. Between the capitania of São Vicente and Colônia de Sacramento shapes seem to have adapted and shifted thus conferring unique traits to the art which was produced along the roads that led to the expansion of the colonial territory towards the extreme south.

Keywords: colonial art - ancient roads - Continente de São Pedro

Durante o período colonial, cobrir grandes distâncias na vasta extensão de terra que coube à Coroa Portuguesa, era muitas vezes mais rápido e prático por mar. Esta nem sempre foi uma opção viável, entretanto, e como consequência, entre os séculos XVI e XVIII se estabeleceu uma verdadeira rede de vias terrestres, muitas delas aproveitando antigos caminhos indígenas. Foi através destes caminhos que se processou boa parte da expansão territorial na América Portuguesa. O impulso colonizador direcionado no sentido de conquistar cada vez mais terras, transformou a linha do Tratado de Tordesilhas mais em um ponto de

* PhD em História e Teoria da Arte (Essex, 2001), pesquisadora e professora adjunta de História, Teoria e Crítica da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

partida do que em um marco limitador. Vastas extensões de terra ao longo de toda a linha foram sendo conquistadas e anexadas.

No caso específico dos limites meridionais do território, a partir da fundação da Colônia de Sacramento, em 1680, estabeleceu-se o interesse no povoamento das terras entre Laguna – a vila mais ao sul dentro dos limites do Tratado de Tordesilhas, fundada logo em seguida à Sacramento – e o Prata. Vilas e pequenos povoados foram surgindo naquela extensão de terra: Rio Grande foi fundada em 1737; Viamão já era sede de uma capela em 1741; em 1752 se deu a construção da fortaleza Jesus Maria José, que daria origem à futura vila de Rio Pardo (GOLIN, 2002:49 e KÜHN, 2006:65). Na segunda metade do século XVIII, foram ainda criadas algumas paróquias como as de Triunfo (1756), Santo Antônio (1763) e Porto Alegre (1772) (KÜHN, 2002:49). Tropeiros passaram a cruzar a região, estabelecendo caminhos que ligavam a extremidade meridional do Caminho Velho – que passava pela capitania de São Vicente e desembocava na vila de Paraty – e o Caminho de São Paulo à Colônia de Sacramento. Por esses caminhos passavam gado e mercadorias que eram levados e trazidos de outras capitanias, entretanto, tudo leva a crer que as tropas veiculavam mais do que animais, objetos e mantimentos. Parece que através destes caminhos também se estabeleciam elos de comunicação entre vilas e povoados, bem como entre diferentes capitanias. A análise da produção de talha no Continente de São Pedro leva a crer que pelos caminhos também passaram informações estéticas.

A circulação destas informações pode ser observada de maneira pronunciada nos modelos utilizados para a fatura de retábulos e nos elementos ornamentais que povoam os interiores religiosos remanescentes do antigo Continente de São Pedro. Dois retábulos-mor chamam atenção em particular: o da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão e o da Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo.

O retábulo-mor da Matriz de Viamão parece ecoar a estrutura e a distribuição dos elementos e motivos ornamentais de vários outros retábulos-mor localizados em diferentes vilas vicentinas: o da Igreja da Ordem Terceira do Carmo e o da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São Paulo, o da Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu, o da Matriz de São João Batista de Atibaia, o da igreja de Nossa Senhora do Carmo de Santos, o do Santuário de Bom Jesus de Tremembé e o da Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Porto Feliz.

Destacarei aqui apenas três retábulos-mor vicentinos, dois da década de 1790 e um da década de 1770, de diferentes igrejas e localidades: igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São Paulo (1791), Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu (1770), Matriz de São João Batista de Atibaia (c. 1795).¹ Os três retábulos-mor têm estrutura muito semelhante ao de Viamão, sendo que todos partilham também dos mesmos elementos ornamentais. Quanto a estrutura, o embasamento do retábulo-mor de Viamão é muito próximo dos de Itu e de Atibaia, cuja movimentação acompanha os avanços e recuos da primeira e da segunda ordem.² O altar em forma de ânfora não é exatamente raro, mas de qualquer maneira também se repete na igreja de Atibaia. As estruturas da primeira e da segunda ordem do retábulo de Viamão também se repetem nos três retábulos vicentinos. O sacrário ao centro da primeira ordem é ladeado por painéis côncavos entremeados por consolos em voluta. Na segunda ordem, o camarim é bastante semelhante aos dos retábulos de Itu e de Atibaia e aparece flanqueado por dois pares de colunas de fuste liso (como as de Atibaia) entremeadas com painéis côncavos onde aparecem nichos laterais (como nos retábulos de Itu e Atibaia). O trono, como o de Itu, é formado por seis níveis, todos variando em forma e ornamentação. O coroamento do retábulo de Viamão tem estrutura e elementos básicos idênticos aos de Itu e de Atibaia: cartucho central sobre dossel com lambrequim, ladeado por plintos encimados por volutas que, por sua vez, são flanqueadas por fragmentos de arco.

Em termos de ornamentação, o retábulo-mor viamonense poderia ser situado entre o retábulo de Itu, mais profusamente decorado, e o de Atibaia, com pouquíssimos *apliqués* de talha e onde se optou por enfatizar mais o tratamento marmorizado. Os motivos auriculares em ‘c’ e em ‘s’, que aparecem em todas as ordens do retábulo de Viamão, aparecem também em inúmeros retábulos vicentinos dos quais destacaria os retábulos-mor das igrejas da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São Paulo (1791) e a Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu (1770). Outros motivos ornamentais semelhantes, sobretudo elementos fitomórficos, podem ser observados na talha da Matriz de Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

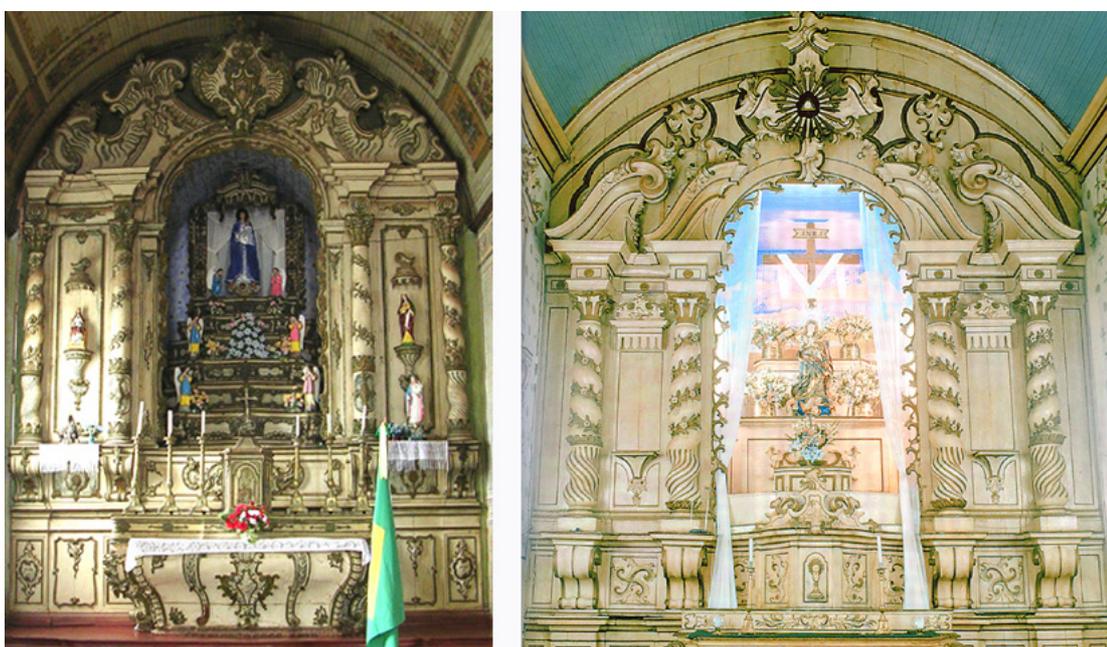
¹ Datações da fatura de retábulos vicentinos adotadas conforme sugeridas em TIRAPELI, Percival. **Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó**. São Paulo: UNESP, 2004.

² Para efeito de análise é costumeiro se dividir os retábulos em ordens, que se organizam entre as cornijas. Trabalho aqui com a divisão em embasamento (onde está posicionado o altar), primeira ordem (onde encontramos o sacrário e os consolos que sustentam as colunas), segunda ordem (onde estão os fustes e capitéis das colunas e o camarim) e coroamento (porção acima do entablamento e que finaliza o retábulo).



Retábulos-mor: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, Rio Grande do Sul, (c. 1790?), Matriz de São João Batista de Atibaia, (c. 1795), Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu (1770) e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São Paulo (1791), as três últimas igrejas, em São Paulo. Foto do retábulo de Viamão, da autora, 2007. Dos demais retábulos, detalhes de fotos de Manoel Nunes da Silva (TIRAPELI, 2004:89, 303 e 331).

O retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo é também bastante semelhante ao seu equivalente na igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, que ficava na rota da Estrada Velha, próximo à Paraty. A estrutura dos dois retábulos é extremamente próxima, bem como a distribuição das colunas e as relações de proporção das laterais da primeira e segunda ordem em relação ao camarim. Há suspeita de que o coroamento do retábulo de Rio Pardo tenha sido modificado: é provável que tenha sofrido um corte na base para se ajustar ao pé-direito da capela-mor. Ainda assim, pode se perceber alguma semelhança nas linhas curvas que definem os recortes dos dois coroamentos.



Retábulos-mor: Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo, Rio Grande do Sul e Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, São Paulo. Fotos da autora, 2006, e de Manoel Nunes da Silva (TIRAPELI, 2004:277), respectivamente.

Em termos de ornamentação, percebe-se que o retábulo-mor de Cunha recebeu uma decoração mais leve e mais discreta com talha mais superficial, o que poderia indicar que seria mais tardio do que o de Rio Pardo. Entretanto, a comparação das colunas utilizadas nos dois retábulos faz pairar dúvidas neste sentido: enquanto as quatro colunas do retábulo de Cunha são pseudo-salomônicas, no retábulo de Rio Pardo apenas as duas colunas mais externas o são, sendo as duas mais internas de fuste liso, com decoração diferenciada no terço inferior e festões florais, distribuídos diagonalmente nos dois terços superiores.

Nos dois casos analisados aqui, pode se perceber que as influências recebidas não parecem ser oriundas exclusivamente das vilas circundantes ou de cidades e vilas que

porventura pudessem configurar uma referência óbvia como Laguna, última cidade no limite sul do território delimitado pelo Tratado de Tordesilhas e ponto de origem de uma parcela considerável dos primeiros povoadores do Continente de São Pedro, ou Rio de Janeiro, então sede do bispado e capital do Vice-Reino. Mas as influências que se pode observar nestes dois casos apontam para origens menos óbvias: motivos ornamentais e modelos de retábulos parecem ter percorrido longos e tortuosos caminhos. Não apenas os caminhos que ligavam o Continente de São Pedro à vila de São Paulo, mas também os caminhos que ligavam a vila de São Paulo às capitanias do Rio de Janeiro, das Minas, do Mato Grosso e de Goiás. Em última análise, as influências estéticas parecem ter percorrido os caminhos que faziam a ligação da vila de São Paulo com o restante da América Portuguesa e chegado ao extremo sul através dos caminhos das tropas.

Cabe perguntar, como estas idéias estéticas estariam se propagando. Não me parece que seja o caso de afirmar que houvessem tratados específicos viajando de vila em vila nos lombos dos animais, já que não pude encontrar semelhanças entre os modelos utilizados e os propostos nos principais tratados em uso na época. Também não me parece provável que artífices estivessem viajando de São Vicente em direção ao sul. É possível sim que houvesse circulação de artífices entre Laguna e as recém-criadas paróquias do Continente, mas que viessem de São Vicente para assumir encomendas no extremo sul me parece bem pouco provável. A limitada demanda de trabalho que tudo indica ter havido para os artífices da talha no Continente de São Pedro também não parece justificar a importação de mão-de-obra de outras capitanias. Parece mais plausível que as idéias estéticas estivessem seguindo a rota dos tropeiros na forma de riscos de retábulos ou de motivos ornamentais específicos. Assim, as obras de talha coloniais do antigo Continente de São Pedro acabaram por se constituir em registros dos estágios por que passaram estas formas em trânsito, testemunhos de momentos específicos em um processo maior de transformação que acompanhou a expansão territorial da América Portuguesa em direção ao sul.

Referências bibliográficas

ABREU, Capistrano. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

BOEIRA, Nelson & GOLIN, Tao (coord.). Colônia. In **História Geral do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2006.

BONNET, Márcia. **The Transient Form: source, reflection and innovation in the woodcarving of Portuguese America.** Tese de doutorado em História e Teoria da Arte. Colchester, University of Essex, 2001, inédito.

_____. A Forma em Trânsito: um estudo de caso envolvendo metamorfose e representação. In **Caesura**. Canoas, ULBRA, n. 22-23, jan/dez de 2003, p. 71-80.

GOLIN, Tao. **A Fronteira**. Vol. 1. Porto Alegre: LP&M, 2002.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

_____. **Gente da Fronteira: família, sociedade e poder no sul da América portuguesa – século XVIII.** Tese de doutorado em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2006, inédito.

PRADO, Fabrício. **Colônia do Sacramento: o extremo sul da América Portuguesa.** Porto Alegre: Fabrício Prado, 2002.

TIRAPELI, Percival. **Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó.** São Paulo: UNESP, 2004.